



# “FOI COMO SE TIVESSE FICADO ÓRFÃO DUAS VEZES”: ORFANDADE EM *O TIBETE DE ÁFRICA*

“IT WAS AS IF I HAD BECOME AN ORPHAN TWICE OVER”: ORPHANHOOD IN *O TIBETE  
DE ÁFRICA*

“FUE COMO SI ME HUBIERA QUEDADO HUÉRFANA DOS VECES”: ORFANDAD EN *O  
TIBETE DE ÁFRICA*

Patrícia Isabel Martinho Ferreira<sup>1</sup>

## RESUMO:

Ao funcionar como contracorrente à retórica imperial em torno da família e da casa patriarcais, o tropo literário do órfão oferece uma visão crítica da experiência colonial e pós-colonial portuguesa, enfatizando as ansiedades e os traumas que se viveram particularmente no contexto do fim do Império, da descolonização e do retorno a Portugal dos colonos e seus descendentes. A vivência entre dois mundos (o português e o africano) caracterizadora da trajetória da protagonista de *O Tibete de África* – romance publicado por Margarida Paredes em 2006 – materializa-se num estado de dupla orfandade decorrente, por um lado, da morte do pai e da consequente desagregação da família e, por outro, da perda do lugar onde nasceu – Angola. É sobre este percurso de orfandade de repercussões simbólicas evidentes que este ensaio de crítica literária se debruça.

**PALAVRAS-CHAVE:** órfão, descolonização, retorno, trauma, Margarida Paredes.

## 1. Prólogo

“Sou uma sobrevivente! Preciso apenas de algum tempo para pensar... para repor a direção da vida no lugar!” (PAREDES, 2015, p. 138) É com esta declaração que Ana, a protagonista do romance de Margarida Paredes, se consola ao constatar que a sua relação com Justino, o engenheiro angolano com quem trabalha, não lhe poderia dar a ventura por que há tanto tempo ansiava. Subjacente a esta declaração, desenha-se a história de vida da protagonista, através da qual o leitor é transportado para o passado colonial português e, mais especificamente, para o momento crepuscular do Império.

---

<sup>1</sup> Doutoranda na Brown University, Department of Portuguese and Brazilian Studies. [patimf@brown.edu](mailto:patimf@brown.edu)

*O Tibete de África*, publicado em 2006<sup>2</sup>, antecipa, como observa Raquel Ribeiro no prefácio à edição de 2015, a “explosão da doença de África” (p. 6) que ocorre na literatura portuguesa contemporânea, atestando a necessidade de reavaliação do passado colonial português e do drama da descolonização vivido por um grupo heterogêneo de pessoas. Quarenta anos transcorridos desde a Revolução de Abril, o foco desta “literatura de revisitação africana”<sup>3</sup> já não é a guerra colonial e seus efeitos, mas o impacto da descolonização na ex-sociedade metropolitana, a representação da figura do retornado, bem como as especificidades da sua (re-des)integração num contexto pós-colonial.

A geração a que Ana pertence caracteriza-se por ser a última geração de colonos nascidos na África, os quais são jovens à época da descolonização e, no dizer da própria personagem-narradora, “só nasce[eram] em África por causa da casmurrice de um velho ditador” (p.138). Este nascer por acaso em terras africanas implica, para a protagonista e para o grupo geracional a que pertence, a vivência num limbo entre dois mundos: o português e o africano, o do colonizador e o do colonizado.<sup>4</sup> Uma vivência à espera de ser reapropriada:

Estive a vida inteira à espera de uma oportunidade, desta oportunidade. À espera do momento em que a minha vida fizesse sentido. Esperei estes anos todos para que o destino se mostrasse bondoso comigo e eu reconquistasse a alegria de viver. Tenho estado suspensa num limbo à espera deste momento. (p. 134)

A inquietante suspensão entre dois mundos, duas ordens sociais, experienciada por Ana encontra materialização ficcional no estado de uma dupla orfandade decorrente, por um lado, da perda da família e, por outro, da perda do lugar onde nasceu.

Dividida entre “Passado” e “Presente” e intercalando os discursos de primeira e terceira pessoas, a estrutura de *O Tibete de África* é traçada em vinte capítulos relativamente curtos. Neles dá-se a conhecer ao leitor a infância de Ana em Angola, a chegada e a adaptação à ex-metrópole, a breve estadia em Lovaina (onde a jovem vai fazer uma pós-graduação e onde conhece Amândio, um exilado político português que escolhe não regressar a Portugal no período pós-revolucionário, com quem ela se casa) e, por fim, o regresso a Lisboa, onde aceita um cargo numa empresa de telecomunicações. Entretanto, já divorciada de Amândio, Ana acaba por se envolver amorosamente com Justino, um jovem engenheiro angolano contratado para fazer parte da sua equipe. Embora a perspectiva narrativa de Ana ocupe uma posição central, a história é tecida igualmente pelas vozes das duas personagens masculinas que com ela interagem, estratégia polifônica usada com o objetivo de acrescentar dinamismo à narração e, ao mesmo tempo, complexificar a versão da protagonista.

A história de Ana remete à experiência do fim do império colonial vivida com a descolonização: filha de portugueses emigrados para África na década de 60, Ana é forçada a sair do lugar onde nasceu e a

2 Este romance foi publicado pela primeira vez em 2006 pela editora Âmbar (Portugal), reeditado em 2009 pela editora Chá de Caxinde (Angola) e, em 2015, pela Verso da História (Portugal). As citações do romance incluídas no corpo deste trabalho foram retiradas da edição de 2015 e serão identificadas apenas com o número da página.

3 Termo cunhado por Onésimo T. Almeida e usado por Isabel Ferreira Gould na sua tese de doutoramento (*Memória e império: colonos e famílias no romance português de revisitação africana dos anos 90*. Diss. Brown University, 2004).

4 Homi Bhabha (*The location of culture*, 1994) caracteriza a identidade dos sujeitos pós-coloniais como diaspórica, isto é, como uma identidade naturalmente marcada pela condição de estar *in between*, pela condição de ser e pertencer a diferentes lugares e, ao mesmo tempo, não ser de lugar nenhum. Fazendo as devidas ressalvas no que concerne ao fato de aqui nos referirmos ao ponto de vista do ex-colonizador e não do ex-colonizado, talvez seja importante problematizar o retorno, tomando como ponto de vista a geração dos filhos dos retornados, migrados às pressas para fugir ao caos que se instalara nos territórios africanos no período das independências. O percurso de Ana é, neste sentido, um exemplo de identidade diaspórica.



adaptar-se à terra natal dos pais. À semelhança de outros jovens colonos nascidos na África, a sua relação sensorial e emocional com este continente é, ao crescer, relegada para a gaveta das memórias, porém acaba por inevitavelmente reaparecer durante a idade adulta. A sua trajetória constitui um testemunho individual de uma história vivida, mas também silenciada coletivamente. Com efeito, Ana esforça-se pragmaticamente por cortar “o cordão umbilical” (p.66) com as suas vivências africanas em prol quer da estabilidade emocional quer da adaptação às circunstâncias encontradas na sociedade de acolhimento, tal como ela própria explica a Amândio:

Quando entrei na universidade prometi a mim mesma que ia começar uma vida nova. Estava farta de conviver com a minha amargura e revolta. África que se lixasse! Resolvi esquecer o passado e fingir que não tinha tido uma infância e adolescência. Era como se tivesse nascido de novo no início da idade adulta. Sem sair do mesmo sítio mudei de país, inventei um país novinho em folha só para mim. (p.122-123).

No entanto, a invenção de uma vida nova é apenas temporária porque a força do passado não desaparece e acaba mesmo, anos mais tarde, por se presentificar assim que Ana conhece o engenheiro angolano e se descobre irascivelmente atraída por ele. Este envolvimento amoroso serve um duplo propósito: por um lado, é o gatilho para a protagonista visitar as memórias de infância e questionar a sua identidade; por outro, é “um meio para Ana se libertar dos estereótipos e lugares comuns fabricados dentro da cultura portuguesa em relação aos africanos e ao colonialismo”, como bem observou Jessica Falconi numa breve sinopse que escreveu do romance (2011, s/p). Assim sendo, continua esta autora: “a relação amorosa aparece como uma interação complexa de conflitos pessoais e culturais, marcados por circunstâncias históricas determinadas, e torna-se um lugar de reflexão íntima, cultural e política: um lugar ético.” (FALCONI, 2011, s/p) A relação amorosa potencializa, pois, o reencontro com o passado e o confronto com os fantasmas a ele associados.

## 2. Perdas

O percurso de vida da protagonista-narradora é, como já se disse, marcado por uma dupla orfandade. Ana “Perd[e] o pai no mesmo dia em que [é] obrigada a abandonar o único chão que conhecia e pisava desde que nasce[ra].” (p.47). Se a morte do pai poderá ser interpretada, em termos simbólicos, como a morte do colonizador e da sua autoridade, a perda da terra natal remeterá obviamente para o inevitável culminar de um tempo histórico em que essa autoridade colonial é questionada de modo definitivo, o que leva os colonos a saírem da África. Regressar a Portugal não constituía exatamente um regresso, porque Ana, ao contrário dos pais e à semelhança de tantas outras crianças e jovens, nunca tinha estado na metrópole, e é por isso que a saída de Angola é encarada como drama coletivo de uma geração inteira – o uso dos tempos verbais no plural atesta isso mesmo:

Para mim não era regressar, era fugir da *minha terra* porque nunca tinha conhecido outra. Porque tínhamos de aceitar que nos mandassem embora? Porque não resistíamos? Porque é que esta era a nossa terra quando tínhamos soldados de Portugal a defender-nos e agora, que eles se iam embora, parecia que tínhamos ficado todos órfãos de um dia para o outro?! (p.43, itálico do original)

O sentimento de orfandade, a que se poderá chamar de “orfandade da terra”, vivido por Ana provém da rutura repentina com o universo sensorial em que estava imersa desde o nascimento. Naturalmente, a infância de Ana é marcada pelas sensações relacionadas com o espaço doméstico africano, em cujo centro

se moviam os criados e as suas rotinas, universo do qual os pais estavam, à partida, excluídos. É, por isso, na companhia do criado Aguiar que Ana sente, descalça pelo mercado, “os cheiros das frutas frescas” (p.27) e, nas ruas próximas dos musseques ao entardecer, os cheiros do “milho assado, mandioca tostada e outros aromas quentes e picantes das quitandeiras” (p.28). É igualmente Aguiar que ensina Ana a manejar a bicicleta e a praguejar em *kimbundo*. Aguiar é, de fato, o centro do seu mundo infantil e, quando este desaparece, a cozinheira Fina passa a ser o seu refúgio e o seu repertório de histórias e costumes africanos. Também as sensações são determinantes no apego de Ana pela criada; na verdade, é no seu cheiro a engomado e na sua pele macia que Ana encontra o conforto para amainar a dor da ausência de Aguiar.

O confronto com a realidade portuguesa constitui, sem surpresa, um corte com o colorido e aromático passado da infância e é sentido como uma perda de difícil reparação. Com efeito, a par da sensação de opressão que a invade por não conseguir enxergar a linha do horizonte nos seus primeiros tempos em Lisboa (cf. p.50), o “quotidiano miserabilista”(p. 52) português abala-na física e emocionalmente. O desconforto da casa da avó materna, localizada na Figueira da Foz, constitui apenas um dos vários sinais da penosa adaptação à terra natal da família. Para além de ser pouco iluminada, observe-se que a casa encontra-se repleta de paninhos, mantas e naperons de croché, objetos esses que agudizam, de imediato, a alergia que Ana tem aos ácaros e, conseqüentemente, fazem com que esta desenvolva uma hipersensibilidade aos cheiros. O sentido do olfato, tão estimulado na infância pelos agradáveis aromas africanos, é amplamente abalado pelo mundo desconhecido encontrado na ex-metrópole. Como se a sua adaptação a Portugal implicasse o bloqueio da sua capacidade de cheirar e, por extensão, de sentir prazer. Efetivamente, apesar do carinho que a avó lhe despertava, é com repulsa que Ana descreve a sua casa: a exiguidade do espaço, a falta de sol e de luz, mas é ainda com mais aversão que esta se refere aos cheiros desagradáveis que empestam aquele espaço:

Primeiro foi o cheiro a mofo da humidade que escorria das paredes, depois o cheiro da lixívia, com a qual a avó tentava disfarçar as manchas negras na parede. Mas o pior de tudo era o cheiro da roupa suja, que era sucessivamente vestida sem ser lavada. Nojo era o que eu sentia. Nojo que a gratidão me obrigava a disfarçar, porque a avó era a minha âncora e aquela casa o meu porto. (p.54)

Cultivando um espírito independente (traço, aliás, típico das personagens órfãs), Ana depressa encontra maneira de evitar passar tempo em casa da avó, procurando refúgio à beira-mar e concentrando-se nos estudos, com o afincado de quem pretendia lutar contra os insultos ouvidos com frequência na escola quer por ter nascido na África, por usar roupas coloridas, quer por parecer “uma preta a dançar” (p.55).<sup>5</sup> À medida que a jovem se empenha na adaptação à realidade portuguesa, a sua ligação corporal e sensorial à terra africana vai-se tornando mais tênue. A diminuição das crises de paludismo depois da chegada a Portugal revelam, justamente, um progressivo distanciamento das suas vivências e memórias africanas. As marcas da sua ligação à África perdem o vigor com o passar do tempo e esse enfraquecimento é experienciado por Ana como uma perda irreparável, tal como a passagem seguinte deixa entrever:

O retorno a África, que as febres me proporcionavam, foi se diluindo. Deixei de ter calores, suores frios e arrepios. Nunca me passou pela cabeça que podia morrer de paludismo. Pelo contrário, o delírio da febre e a pele pegajosa faziam-me sentir perigosamente viva. Quando deixei de ter crises senti falta dessa vertigem, como uma perda. Cada vez menos fios me ligavam ao passado. (p.55)

5 A partir do comportamento da protagonista, a socióloga Sheila Khan elabora uma perspicaz leitura simbólica: “O que Ana nos devolve pelos seus amores, pela sua postura de mulher independente e, superficialmente, segura, é, no fundo, a metonímia de uma nação que se satisfaz com a insuficiência da sua memória histórica e cultural, um país que se olvida do seu *modus vivendi* mesclado, para, imperturbavelmente, orbitar em torno de uma sublimação enganadora de país conquistador e europeu.” (KHAN, 2007, p. 23)



Temporalmente, o estado órfão de Ana manifesta-se, no entanto, um pouco antes tanto da morte física do pai quanto da saída de Angola. A corrente de perdas que afeta a vida da protagonista tem início quando Aguiar, o cozinheiro da família, aparece morto no quintal. Ao seu olhar inocente, matizado pela pouca idade, não escapa a brutalidade a que Aguiar tinha sido submetido. Embora a sua morte tenha sido classificada como acidental pelas autoridades, o leitor lê nas entrelinhas que a morte do criado teria sido arquitetada pelo pai de Ana, depois de este ter ficado a saber que Aguiar, excitado por ver a patroa a masturbar-se, teria abusivamente entrado na cama dela por pensar que esta o aliciava a fazê-lo.<sup>6</sup> A descrição do cadáver de Aguiar assenta num visível embate entre prazer e medo, beleza e horror, concentrando em si a força intrusa e repetitiva de uma imagem traumática:

Um dia, ao espreitar pela janela da arrecadação nos fundos do quintal, vejo uma bola de borracha castanha escura, enorme, brilhando com todas as cores do arco-íris. Encosto o nariz à vidraça e vejo uma haste ereta espetada na bola. Um bola com pernas e braços. Não percebo o que é, mas grito. Através do vidro fico hipnotizada com aquela imagem filtrada pela poeira. Grito outra vez de horror misturado de prazer porque aquela coisa é bela e não parece verdade. Ainda hoje sonho com aquele corpo, mais belo morto do que alguma vez foi em vivo e que se gravou na minha memória como uma das mais fascinantes imagens que vi. Nenhum escultor teria o arrojo estético de produzir uma obra tão sedutora e inquietante como o cadáver do Aguiar, que acabei por descobrir, inchado pelo calor e esticado pelos fluidos, refletindo na pele negra todas as cores do universo e coroado por um pênis ereto. O destino em poucos dias tinha-me confrontado com o sexo inchado do *meu* Aguiar vivo e morto. Com a inocência perdida tinha-se acabado a felicidade, mas nessa altura eu ainda não sabia que vivíamos num mundo rodeado de fantasmas. (p.30-31, itálico do original)

A horrífica morte de Aguiar, por quem Ana sentia uma forte ligação física e emocional, tem origem num episódio que justificará o ressentimento desenvolvido por Ana em relação à mãe: um dia, no quarto dos pais, escondida dentro do roupeiro com a intenção de inocentemente pregar uma partida à mãe, Ana acaba por vê-la na cama e por ver, minutos depois, o criado a entrar no quarto, a despir-se e a deitar-se com ela. Ainda que, dada a inocência própria da idade, Ana não compreendesse inteiramente o significado daquele evento, a sensação de que a mãe era culpada de algum crime invade os seus pensamentos (“a mãe parecia-me culpada, mas não sabia de quê!”, p.38) e, a partir daí, compromete de forma irremediável a relação entre mãe e filha. Efetivamente, é com um desconcertante desapego que Ana explica a Amândio a desilusão e o ressentimento que alimenta contra a mãe: “O afeto que nos ligava rompeu-se no dia em que me escondi no guarda-fatos. Debaixo da agitação daqueles lençóis suados fiquei sem mãe...” (p.46)

A convivência com o segredo de ter visto a mãe e o criado pela porta entreaberta do guarda-fatos e, passados alguns dias, de ter encontrado o cadáver de Aguiar no quintal é extremamente penosa e transforma-se numa violenta sensação de opressão, só aliviada quando Ana sai para a rua e toca com os pés nus no capim. Traumatizada, durante meses, o espaço doméstico, na visão da criança, começa a ser invadido por sinais e objetos mórbidos: a cor laranja do quadro evocava nela a cor do fogo do purgatório, o tampo de mármore da mesa uma campa de cemitério e o sofá preto um caixão. Só as viagens que faz com o pai lhe permitem evitar a presença física da mãe, a qual, no seu entender, seria a única culpada do desconforto que sentia.

6 A propósito deste mal entendido por parte do criado, diga-se que é a atitude transgressora da mãe de Ana, ao se masturbar, que faz com que Aguiar ultrapasse a divisão entre os dois mundos em que vivia: o do criado submisso no mundo dos brancos e o do dançarino orgulhoso e respeitado no mundo dos negros, mundos do quais Ana nos dá conta na seguinte passagem: “O pai não sabia mas havia dois Aguiares. O meu Aguiar trabalhava lá em casa manso, triste e silencioso, o outro pertencia a um mundo que eu não conhecia, muito diferente do nosso, cheio de sons e música dos conjuntos, um mundo onde o Aguiar era alegre, feliz, tinha namoradas e uma reputação a defender gingando e dançando com orgulho – A menina não sabe mas lá no salão sou muito respeitado.” (p.29) Agradeço à autora, Margarida Paredes, a generosidade de ter trocado comigo, por *e-mail*, as suas impressões sobre este episódio.

À chegada à metrópole, o distanciamento emocional já existente entre mãe e filha aumenta e é imediatamente visível no espaço do aeroporto. Indiferente e apática, a mãe entra para um autocarro sem esperar pela filha, o que faz com que esta última sinta a profunda dor do desamparo: “Ainda estava preocupada em manter o equilíbrio quando vi a mamã entrar num autocarro. ‘Mamã, espera por mim!’ Sem olhar para trás ela caminhava como um autómato.” (p.49) Este comportamento contribui, justamente, para o derradeiro afastamento físico entre as duas. Depois de ambas passarem alguns dias na casa de um familiar nos arredores da capital, Ana decide ir viver com a avó materna em vez de acompanhar a mãe e o padrasto para o interior do país. Textualmente, esse afastamento encontra-se não só na expressão “a minha progenitora” (p.53) usada por Ana para se referir à mãe com indiferença, mas também nas observações que faz à falta de coragem da mãe face às novas circunstâncias e dificuldades financeiras encontradas à chegada. Com efeito, se na África, a mãe reclamava do calor, em Portugal reclama do frio e nas suas memórias africanas só consegue guardar os privilégios antigos, esperando que o passado por magia se transformasse em presente.<sup>7</sup> O sentimento de rejeição relativamente à mãe inscreve-se ainda na agressividade com que a protagonista traça a sua descrição psicológica e física.<sup>8</sup> Para Ana, a mãe é uma mulher sem coragem, apática e dependente, o tipo de mulher que Ana recusa ser. Aliás, o seu percurso é, por evidente oposição, o de uma mulher lutadora, financeira e sexualmente independente.

Poder-se-á afirmar, por conseguinte, que o início da experiência órfã de Ana coincide com a morte de Aguiar e o pesado silêncio que a jovem é levada a manter sobre o episódio do guarda-fatos, porque, como ela própria diz, “Ninguém se lembrou de [a] interrogar.” (p.31) A história de Ana não se constitui como a procura das suas raízes (típica das narrativas de e sobre órfãos) mas como o inevitável confronto com essas raízes, porque só esse confronto permitirá uma reconciliação com o passado impregnado de silêncios e segredos. Ana silencia a violência da qual foi testemunha até ser confrontada com circunstâncias que a obrigam à revisitação dessa violência. Quando esse confronto mental e emocional ocorre, Ana é impelida a contar a sua versão dos acontecimentos, confessando:

*Leva-se uma vida inteira a esconder, debaixo de camadas e camadas de recordações, os segredos que nos magoaram em criança e, quando pensamos que estamos a salvo, o passado sai das dobras do esquecimento e confronta-nos com as nossas indelévels misérias. (p.83, itálico do original)*

A viagem pelas memórias não está isenta de sofrimento, como observa Amândio: “Quando [Ana] falava sobre a infância, as palavras eram articuladas com dificuldade e a expressão sofrida.” (p.25) Na realidade, ao descrever o cadáver de Aguiar que lhe despertara simultaneamente impressões de beleza e horror, Ana liberta-se não do sofrimento, mas do segredo em torno dos eventos que antecederam a morte de Aguiar. Morte que Ana, embora não explicitamente, atribui à má conduta da mãe e não à ousadia de Aguiar, nem aos ciúmes ou à crueldade do pai.

7 Destaca-se, neste âmbito, um comentário curtíssimo em que sarcasmo e ironia se confundem, acentuando a “mágoa ancestral” (p.47) guardada por Ana contra a mãe: “Uma única década ausente da terra natal e já era uma africanista convicta.” (p.53).

8 Citem-se dois exemplos: “Está anestesiada pela psicologia barata dos romances cor-de-rosa e dos livros de autoajuda. [...] É uma mulher pouco inteligente. [...] uma esposa feia e inexpressiva como a minha mãe.” (p.46) e “— É uma mulher sem pescoço, de cara redonda, com olhos protuberantes e afastados. Tem aquele ar imperturbável, vazio de emoção, das pessoas que nunca se questionam. Não sorri com os olhos. Nos lábios finos exhibe o sorriso pálido de alguém a quem a vida desconcertou.” (p.47)



### 3. Segredos

Alguns estudos sobre a representação literária da figura do órfão sublinham que a orfandade surge com frequência relacionada tanto com a questão da ilegitimidade quanto com a existência de segredos familiares que o órfão acidentalmente descobre ou ativamente procura desvendar. No caso de Ana, para além do segredo que guardou sobre o episódio que antecedeu a morte de Aguiar, a protagonista acaba por descobrir dois inesperados segredos após a chegada a Portugal. O primeiro é a fuga dos pais para África: os pais eram ambos casados com outras pessoas quando se apaixonaram, e não podiam divorciar-se por serem casados pela igreja. O segundo é a existência dos filhos que o pai tinha desse casamento. Talvez ainda mais desconcertante, todavia, era o fato de Ana oficialmente ser filha não do pai biológico, mas do marido que a mãe tinha deixado em Portugal (e que, ao contrário do que se esperaria, aceita a mãe de volta quando esta regressa da África).

A confirmação da morte do pai, alguns dias depois da sua chegada a Portugal, coincide, não por acaso, com o desvendar destes inesperados segredos. Descobrir que o pai tinha uma esposa e três filhos já adultos em Portugal constitui, pois, um momento profundamente dramático na vida de Ana, levando-a a assumir a sua radical orfandade advinda não só da perda física do pai, mas também da perda do seu próprio nome, como ela própria assinala: “Foi como se tivesse ficado órfã duas vezes. Não pude enterrar o papá, não herdei o nome dele e passei a ser filha de um desconhecido.” (p.50-51) É nesse momento de inusitadas revelações que Ana ganha consciência não só da sua ilegitimidade, mas também da vulnerabilidade da sua posição no interior da família, por outras palavras, é nesse momento que Ana reconhece o seu estado órfão. Como sublinha Laura Peters, “The secret hidden nature of orphanhood manifests itself not only in foreignness but also often intertwines with illegitimacy.” (2000, p. 23)

O universo familiar, no centro do qual a protagonista se movia durante a infância, desmorona-se com a saída da África. E, conseqüentemente, Ana passa a representar a diferença, o membro ilegítimo no interior da família. Curiosamente, essa ilegitimidade já tinha sido desvelada por Aguiar, o seu criado e companheiro de brincadeiras, quando, num dia entre tantas outras histórias, ele lhe segredara que o pai tinha filhos na metrópole e que para ela e os pais serem uma família teriam de viver escondidos para sempre na África. Mas na imaginação da pequena Ana, essa história era apenas mais um exemplo engraçado de que “A vida parecia um jogo de esconde-esconde.” (p.29)

A dissolução familiar a que Ana assiste involuntariamente ocorre em simultâneo com o assumir, por imposição, de uma nova identidade. Desconhecendo os códigos culturais da metrópole, Ana confronta-se com o olhar de alteridade que a vê como estando fora do lugar. Afinal, não era europeia mas também não era africana:

Não era angolana, não era portuguesa: era *retornada*. Com o tempo apercebi-me de que ser retornada era uma espécie de doença que todos os recém-chegados tinham contraído em África. Ser retornado era muito pior do que ser feio, gordo, careca ou corcunda. Não me gravaram o nome na pele, mas ele ficou como um estigma na alma. (p.50-51, itálico do original).

“A doença de África” referida pela protagonista diz respeito à condição de quem é “arrancad[o] à força do seu paraíso” (RIBEIRO, 2015, p. 6), condição que foi vivida por uma geração inteira. A história de Ana é a história dos filhos dos colonos retornados, aqueles que guardaram os silêncios e as memórias dos pais.<sup>10</sup>

9 “A natureza secreta escondida da orfandade manifesta-se não apenas em estranheza, mas também muitas vezes se entrelaça com a ilegitimidade”. (Tradução nossa)

10 A literatura de revisitação africana caracteriza-se na maior parte dos casos por exibir uma forte dimensão autobiográfica e memorialista, daí que muitos estudos críticos sobre esta produção literária se debruçam sobre o ato de escrita como testemunho,



Fazendo uma leitura mais abrangente, talvez não seja abusivo traçar, neste contexto, um paralelo entre a ilegitimidade de Ana no seu contexto familiar e a ilegitimidade contida na designação “retornados”, grupo com o qual Ana é inadvertidamente identificada. Com efeito, o retrato de quem tinha chegado da África feito pelos metropolitanos enfatiza a ilegitimidade que estes últimos atribuíam aos primeiros. Os chamados “retornados” eram, assim, sem distinções, os elementos vistos como exteriores à sociedade portuguesa (muitas vezes também chamados de “portugueses de segunda”). Eram os elementos que, consciente ou inconscientemente, forçavam os metropolitanos a confrontarem-se com a sua participação, mesmo que indireta, no projeto colonial. Dito de outro modo, estes membros da grande família constituída, na retórica imperialista, por Portugal e as colônias vinham expor a violência de um passado e de um presente que ninguém estava disposto a assumir, daí o estigma que sobre eles recaiu e daí o jogo de culpas e desculpas que alimenta até hoje a história deste período. *É interessante notar que a passagem narrativa que diz diretamente respeito à visão metropolitana sobre os retornados surge em itálico e apresenta a indicação em nota de rodapé de que foi baseada num artigo jornalístico.* Recorrendo a um discurso vagamente coletivo, a escritora faz um apanhado das ideias cristalizadas na sociedade portuguesa sobre a figura do retornado e, com um tom levemente irônico, mostra como é perniciososa a atribuição de culpas perante eventos históricos envoltos numa enorme complexidade:

*Retornados e profundamente infelizes, tentamos recomeçar a vida sob a pressão de uma comunidade que, em vez de culpabilizar os ventos da história, se virou contra nós. Em Portugal aprendemos a carregar com todas as culpas do mundo. Em África vivíamos bem porque explorávamos os negros. A tropa portuguesa foi enviada para a guerra nas colônias durante catorze longos anos, por nossa causa, para nos defender. Enquanto eles sofriam no mato, nós divertíamos-nos nas cidades. Depois de uma vida de fausto, ao primeiro tiro abandonámos tudo e chegámos a Portugal sem nada, porque não soubemos acautelar o futuro.* (p.52, itálico do original)

Os retornados, órfãos de uma África que deixava de existir – *África colonial* – expunham as ansiedades e as contradições de uma outra sociedade, a portuguesa, marcada pela ausência de um pensamento anticolonial generalizado<sup>11</sup> e, nos primórdios da Revolução de Abril, um tanto apegada à ideia de se achar (com maior ou menor razão, note-se) vítima do salazarismo. As reivindicações da população que entra

---

privado e íntimo, de um trauma coletivo. É esse o sentido que têm seguido algumas análises de, por exemplo, *Caderno de memórias coloniais*, de Isabela Figueiredo ou, até mesmo, de *O retorno* de Dulce Maria Cardoso. No caso do romance aqui em análise, essa questão não se coloca diretamente porque Margarida Paredes não viveu a experiência do retorno. A sua ligação à África acontece quando decide abandonar o curso universitário na Bélgica para aderir ao MPLA e viajar para Angola a fim de lutar pela independência da colônia e colaborar na construção da nova nação. Os eventuais dados biográficos presentes no livro são, assim, meramente marginais para o desenvolvimento ficcional da narrativa. Confrontada, numa entrevista, com a existência ou não de uma dimensão autobiográfica neste romance, Margarida Paredes responde: “*O Tibete de África* é uma história inventada. Não é a minha autobiografia mas permitiu-me dar sentido às diferentes realidades que vivi. A escrita é muitas vezes uma história inventada à volta da nossa vida. [...] Eu sei que os leitores procuram o autor por trás de cada palavra e é verdade que eu recorri a algumas vivências pessoais. Mas, apesar de ter uma história de vida movimentada, não sou nenhuma personagem de romance! O leitor atento descobrirá se apareço, ou não, na narrativa...” (PAREDES, 2006, s/p)

11 Num livro de ensaios publicado em 1980, Alfredo Margarido reconhece sem hesitar o peso do “espírito colonial” em Portugal impeditivo, durante o regime salazarista, do reconhecimento do “peso negativo do facto colonial”, obstáculo que o autor viu generalizado nas atitudes dos intelectuais independentemente das áreas político-ideológicas de pertença, como se lê: “Porque se a direita escreveu sempre sobre a África, desaguadouro de muitos aristocratas e de muitos burgueses arruinados, como já sabemos desde *A ilustre casa de Ramires*, a esquerda nem sempre foi capaz de compreender a estrutura do facto colonial. Incapaz, por isso mesmo, de pôr a nu as várias formas de dominação. Basta pensar num certo número de escritores neo-realistas que, tendo trabalhado e vivido em África, não puderam descrever, menos ainda denunciar, a brutalidade da colonização. Encontramos entre eles alguns escritores importantes: Afonso Ribeiro, o primeiro neo-realista português, Alves Redol, Sôcio Pereira Gomes, Sidónio Muralha, Alexandre Cabral e outros. Qual a razão desta impossibilidade? Não pretendo responder, mas compreende-se que esta dificuldade se deve a uma ausência de teoria sobre o colonialismo português. Desarmados, os escritores da denúncia são incapazes de denunciar.” (MARGARIDO, 1980, p. 28)





em Portugal na sequência do processo de descolonização colidiu com o conteúdo político do Processo Revolucionário em Curso. O que fez com que o debate sobre a recepção dessa população tão heterogênea se tornasse complexo e difícil de deslindar. Tanto mais que Portugal, convirá recordar, não era senão uma sociedade recém-democratizada.

Convém ainda observar que a questão da ilegitimidade atribuída à população de colonos portugueses pode também ser considerada a partir de um outro prisma: o dos colonizados. Quando a violência da guerra pela independência atinge os centros urbanos e se torna incontrolável, a presença dos colonos é abertamente sentida pelos africanos como ilegítima. Exemplos dessa percepção são não apenas as histórias sobre a escravatura e a bravura da rainha Njinga Mbandi contra os portugueses contadas por Fina a Ana à revelia do patrão, mas também a mudança de comportamento das criadas quando percebem que a vitória sobre a opressão colonial e a saída dos colonos estavam iminentes. A passagem em que se descreve a inesperada rebeldia das criadas dá conta justamente, através do olhar da jovem Ana, dessas mudanças que se avizinhavam. Não obstante, de forma oblíqua, a ilegitimidade dos portugueses na África é posta em evidência:

A cada dia que passava, a Fina chegava mais tarde e saía mais cedo e já não parecia tão gorda. A Lila andava feliz, o irmão veio de Brazzaville e ela começou a fazer só o que lhe apetecia. A roupa suja já não cabia no cesto de verga entrançado pelos Lundas e o tabuleiro da roupa engomada achava-se estranhamente vazio. Os pais chamavam-lhe a atenção, mas quando eles viravam costas fazia um muxoxo e cantava entre dentes: *Cheira mal, cheira a Lisboa...* (p. 41, itálico do original)

A ilegitimidade do colonizador é, no entanto, denunciada no presente pós-colonial de forma abertamente descomplexada através da voz do ex-colonizado, voz que raramente se ouve na literatura portuguesa. Como negro trabalhando na capital da ex-metrópole, Justino oferece uma visão bastante crítica do passado colonial e do presente pós-colonial ainda agarrado a mitos e nostalgias, confrontando Ana e todos os portugueses com a perspectiva do Outro. Observando um conjunto de fotografias de Angola exibidas na parede de um bar-restaurant em Lisboa, Justino discorre sobre o funcionamento da sociedade colonial, concluindo que as fotografias do empregado do restaurante que tinha vivido em Angola “retratam pessoas que conviviam num mesmo espaço sem se verem.” (p.75), ou seja, “mostram duas sociedades que, nos loucos anos 60, viviam juntas e de costas viradas uma para a outra” (p.76). É também Justino que, acossado por Ana, expõe os ressentimentos dos colonos forçados a sair da África, ao comentar:

- Sabes qual é o vosso mal? Vocês viviam fechados num mundo só vosso. O que nós pensávamos, o que nós sentíamos não tinha importância nenhuma! Na realidade vocês não nos viam. Angola era só paisagem! Saíram de lá derrotados, humilhados ficaram magoados para sempre. (p.136)

Como se depreende do discurso deste jovem angolano, a experiência colonial é problematizada neste romance a partir daquilo que Jessica Falconi chamou de “dois lugares de enunciação diferentes” (2011, s/p). Ana e Justino, tendo crescido no mesmo lugar, guardaram desse tempo vivências e visões irremediavelmente contrastantes e irreconciliáveis.

#### 4. Desejos

Embora tenha vivido anos a evitar confrontar-se com o passado, a revisitação ativa das recordações de infância parece ser a única forma de Ana entender o reencontro com essas memórias proporcionado pelo presente, através do aparecimento de Justino na sua vida. Como se a sua história não estivesse resolvida e Ana precisasse de reconhecer as perdas gravadas não apenas no seu universo mental e emocional, mas

também no seu repertório de sensações corporais. Na verdade, o seu reencontro com o passado é também um reencontro com o seu próprio corpo.

A dimensão sensorial é, de fato, importante para a tessitura do romance e surge em vários momentos-chave: na infância e na forçada adaptação de Ana a Portugal como já se mencionou acima, mas sobretudo no seu reencontro com a infância. Com efeito, essa viagem pelas memórias é despoletada pelo cheiro de Justino que a atrai intensamente e lhe devolve tanto a capacidade de cheirar quanto o secreto prazer provocado por um cheiro da infância, o cheiro de Aguiar. É, aliás, com um súbito espanto que a narradora descreve o impacto de ser transportada para o passado através do cativante odor do futuro amante – as abundantes frases exclamativas no excerto a seguir transcrito comprovam a emoção contida nessa lembrança:

Havia mais qualquer coisa no ar. Sempre que estava com ele, vinda sabe Deus de onde, tinha aquela horrível sensação de *déjà-vu*. Quando identificou o que era, deixou-se cair na cadeira e ficou ainda mais perturbada. O *je ne sais quoi* era o cheiro! Ela conhecia aquele cheiro! Ao contrário da maior parte dos quadros africanos, o colega não usava perfume. Cheirava a pele lavada com sabonete. Sabonete *Feno de Portugal*. O mesmo cheiro do Aguiar. Há anos que não se lembrava do Aguiar. Que situação caricata, um sabonete com o nome de Portugal a remetê-la para a infância em África. Uma intrusão muito desconfortável, o passado a aparecer sem ser convidado. Como aquela realidade parecia distante! [...] O Aguiar... Ana lembrou-se, envergonhada, que às vezes espreitava o criado a tomar banho na arrecadação que tinham no fundo do quintal. Ele ensaboava-se energicamente, esfregando a pele negra com o sabonete verde. Ficava muito engraçado, cheio de espuma, da carapinha aos pés, parecido com um boneco de borracha que lhe tinham trazido da metrópole. O *meu Aguiar!* O seu querido e saudoso Aguiar!<sup>12</sup> Meu Deus, as brechas que um cheiro pode abrir na nossa memória. (p. 82-83, itálicos do original)

A atração sexual de Ana por Justino pode ser interpretada como a vontade de concretização de um desejo sexual reprimido na infância. Não por acaso Ana, antes de a relação amorosa com Justino se concretizar, passa a ter um pesadelo recorrente, no qual é perseguida por um homem cujo rosto não consegue ver mas que suspeita ser Aguiar, pois esse homem chama-a de “menina” tal como o criado fazia. A arma que esse homem sem rosto lhe aponta é, como ela mesma explica, símbolo de um “impulso sexual não realizado” (p. 89)<sup>13</sup>. Tendo consistentemente tentado eliminar as suas ligações com o passado, tentado construir o seu próprio caminho longe da violência familiar herdada, e cultivando uma atitude de independência e segurança, quando o passado lhe invade o presente, Ana é levada a confessar a sua identidade fraturada, construída à sombra de uma África que só existia na sua memória – a África da sua infância “perdida e amada” (KHAN, 2007, p. 23) –, mas que espreita através das sensações corporais:

Sentia-se a mergulhar de cabeça num mundo de fantasia, o mundo do passado. Durante anos parecera não ter importância nenhuma, pensava que aprendera a controlar o destino e se tinha transformado numa pessoa diferente, madura. E de repente, por causa de um cheiro, o passado rompe esta barreira de segurança em que vive e sujeita-a a esta aflição. *A culpa é daquela terra maldita onde nasci. Desde criança que está emboscada dentro de mim à espera de uma oportunidade. Sinto-a conspirar no corpo pegajoso quando suo, no movimento das ancas que não controlo, no olhar grandioso com que observo o mundo.* (p. 105, itálicos do original)

12 Note-se que o possessivo usado por Ana para se referir a Aguiar não é, em nenhum momento da narrativa, desconstruído, o que talvez sirva para ilustrar a ambiguidade das relações coloniais e o complexo universo dos afetos que nelas está contido. O possessivo tanto expressa a afetividade da menina em relação ao criado que a fascinava, quanto desvela a ideia de posse inconscientemente interiorizada por si. Uma vez cristalizada nas memórias de infância, a figura do empregado emerge ambígua; talvez, por isso, se compreenda que Ana continue a lembrar-se e a referir-se a Aguiar desse modo e não perceba que, ao fazê-lo, reproduz de alguma maneira a prática colonial opressiva de os criados serem “posse” dos patrões.

13 Embora seja apenas um pormenor, é curioso reparar que as sensações olfativas têm também aqui uma importância central. Com efeito, à medida que cresce o fascínio por Justino e os sonhos se repetem, Ana começa a desinteressar-se do marido e, pela primeira vez, a protagonista refere o incómodo que o “cheiro acre” deste (p.90) lhe causa.



A relação sexual entre Ana e Justino consuma-se como se de uma cerimônia religiosa se tratasse, o corpo dele deixa-a em puro êxtase e é nesse instante que o passado e o presente se confrontam. Ana, desarmada e ainda “em estado de graça” (p.107), confessa a Justino que, ao conhecê-lo, percebeu que só poderia ser feliz reconciliando-se com a sua história e não renegando as suas origens africanas. No entanto, Justino não é Aguiar e o passado urge ser contextualizado à luz do presente. A resposta desassomburada e irônica de Justino enfatiza precisamente não só a irrecuperabilidade do passado mas também, e acima de tudo, o imperativo de a mundividência colonial não se repetir: “— Outra portuguesa doente de África. Parece uma epidemia! Graças a Deus pertences à última geração que foi contaminada.” (p.107)

Justino, como o seu próprio nome parece indicar, é o paladino dos justos, não mais o colonizado submisso forçado a seguir a mentalidade do colonizador. Justino não fala em ajuste de contas, porém assume uma voz plena, fala em nome próprio, tem uma visão crítica sobre os acontecimentos históricos, assume abertamente os seus gostos e hábitos culturais e é capaz, sem peias, de identificar os resquícios de nostalgia colonial nos comportamentos dos portugueses, assim como de confessar que o dia mais feliz da sua vida foi o dia da Independência de Angola.<sup>14</sup> Justino não é subserviente perante Ana, ao contrário do que fora Aguiar perante os pais dela. Justino exerce, aliás, um forte ascendente sobre Ana, operando-se na relação amorosa uma assinalável inversão de papéis. Na cena da relação sexual entre os dois em pleno tiroteio no Ruanda, é Ana quem assume o papel vulnerável e passivo. Justino excita-se com a adrenalina do perigo e o som dos tiros, já Ana, assemelhando-se a uma presa, paralisa com o medo e a violência que rodeia o hotel. É nesse ato sexual congregador de sensações tão contrastantes que o filho de ambos é gerado.

No penúltimo capítulo do livro, constituído por um diálogo intenso entre Ana e Justino, descobre-se que ele está de noivado marcado e que não pretende deixar de se casar em favor de uma relação monogâmica com Ana. Esse diálogo ganha, destarte, uma enorme relevância na história não só porque evidencia duas lógicas culturais opostas, a monogamia e a poligamia, mas sobretudo porque enfatiza a dificuldade de uma reconciliação total com um passado marcado pelo signo da violência. Exaltada e contrariada com o arrojo e a segurança de Justino, Ana perde o controle e é incapaz de abafar as contradições da sua herança colonialista ao desejar, por breves instantes, viver no tempo colonial, num tempo de impunidades convenientes. Leia-se: “— Estou ferida! Com o ódio e a raiva com que estou matava-te e ficava tudo resolvido! [...] matava-te da mesma maneira que o meu pai deve ter feito com o Aguiar...” (p.135-136)

É nesta troca de acusações que se opera a tentativa de acerto de contas com o passado. Num choro compulsivo e misturando sentimentos e situações, Ana assume a culpa pelo silêncio da morte de Aguiar, mas reitera não ter culpa do que os antepassados fizeram na África, revelando, deste modo, a existência de uma correlação entre o seu percurso individual e a história coletiva dos portugueses na África. Mesmo não querendo ou até recusando culpas, Ana é herdeira da pesada experiência colonial e vive ensombrada de memórias contraditórias de amor e de ódio. O seu reencontro com o passado exige a destruição de mitos. O filho de Ana e Justino é o resultado desse confronto entre branco e preto, entre português e africano mas num tempo diferente, num tempo em que o mestiço poderá ganhar voz, tal como ambos acabam por re-

---

14 A não subserviência de Justino encontra-se igualmente em certas avaliações que faz como a de Lisboa ser “Uma velha cidade que não cheira bem, nem mal.” (p.97), em certas declarações como a de sentir saudades do “cheiro nauseabundo dos trópicos” (p.97); mas também nas apreciações que elabora sobre a falta de talento dos portugueses para aproveitarem a vida; ou, ainda, na denúncia do racismo dos portugueses (“Os portugueses são racistas e o orgulho ferido é gravado pela miséria dos que vivem na periferia, à margem da sociedade portuguesa!” p.110). Justino lamenta ainda o impacto da cultura do colonizador na sua vida, uma vez que, por pertencer a uma família de assimilados, todas as suas memórias de infância estão presas à cor branca.

conhecer: “Foram mudanças a mais para uma só geração! Não vou negar que ele vai ter um longo caminho para percorrer, mas o mundo é cada vez mais mestiço e as pessoas têm cada vez mais identidades...” (p.138) Através do filho mestiço que irá ter, a ligação da protagonista à África emerge do passado e presentifica-se para sempre na sua vida.

A impossibilidade de um final feliz para Ana e Justino enquanto casal realça naturalmente as dificuldades de reconciliação total com o passado e de superação dos traumas coloniais no espaço-tempo de apenas uma geração. Todavia, se, até conhecer Justino, Ana afirmava não querer ter descendência, assumir a gravidez resultante da relação de ambos é uma forma de resistir e de sobreviver, é afinal uma maneira de preencher o vazio deixado pela orfandade de que ela irremediavelmente padece. A relação com Justino permitiu-lhe, deste modo, desprender-se do passado e sentir-se minimamente em paz com ele, por outras palavras, permitiu-lhe livrar-se do segredo sobre a morte de que foi testemunha, oferecendo-lhe a cura de que tanto precisava: a possibilidade real de construir a sua própria família, ou seja, a oportunidade de um recomeço através dum filho. Há uma esperança latente no final do romance, uma esperança não isenta de dificuldades, mas ainda assim luminosa. Ana enceta um caminho de redescoberta do passado através da memória, uma jornada solitária mas resolvida para que ela, pesem as contrariedades, se possa reintegrar na sociedade. Os traumas do passado não enfraquecem a possibilidade de Ana ser bem sucedida e é essa aura de superação que distingue o trajeto órfão da protagonista.

## 5. Coda

O romance de Margarida Paredes propõe uma abordagem descomplexada e crítica não só da relação entre colonizador e colonizado, mas também da visão nostálgica dos portugueses em relação a uma África perdida, das relações pós-coloniais entre portugueses e africanos a partir da cooperação económico-política, das diferenças culturais e da violência que, na década de 90, atingiu diferentes países africanos, sendo disso exemplo o genocídio que aconteceu no Ruanda na primavera de 1994.

A opção da autora ao retratar o genocídio e os conflitos étnicos no Ruanda poderá ser lida, por um lado, como uma forma de evitar referir-se à conturbada situação sociopolítica angolana que se vivia na mesma época e, por outro, como uma forma de, não se restringindo ao caso das ex-colónias portuguesas, expor as complexidades do continente africano, agravadas em grande parte pelo colonialismo europeu. O momento vivido no Ruanda por Ana e Justino durante a sua viagem de trabalho àquele país desencadeia um acerto de contas com as suas memórias que Ana ainda não tinha feito e precisava urgentemente de fazer. Descrevendo o medo que sentiu em Kigali, a capital do Ruanda, Ana desabafa: “Misturo a fuga desordenada da minha família de Luanda em 1975 e as mortes, do meu pai e do Aguiar, com os corpos dos ruandeses mutilados espalhados pelas estradas e campos do país.” (p.122) A violência vivida na infância e a violência observada no Ruanda misturam-se, desvendando um processo de luto individual ainda por realizar. Ao ser confrontada com o ódio e a violência, Ana assume-se como uma “testemunha horrorizada” (p.123) e, mesmo que, nesse instante, a personagem se refira especificamente ao massacre étnico que tinha acabado de presenciar, é lícito adivinhar nas entrelinhas o horror das impunidades praticadas durante a época colonial da qual também foi testemunha (como por exemplo a morte de Aguiar). Talvez seja por isso que Ana não se demita da sua parcela de culpa ao declarar: “Somos todos culpados.” (p.122)

O estado de orfandade que caracteriza o percurso individual de Ana poderá ser lido como sintoma de um drama silenciado e transmitido transgeracionalmente. Os fantasmas que inquietam Ana e que a forçam a visitar as memórias de infância, nomeadamente a horrífica morte de Aguiar e a desagregação da



família, remetem simbolicamente para um passado de violência que não poderia ter sido ignorado porque o seu rasto estava fadado a reaparecer. O segredo que Ana guardou e que, no auge do seu confronto com Justino, emerge aparentemente descontextualizado, associa-se a sentimentos de culpa e de vergonha reprimidos, podendo mesmo ser o resultado de um trauma que não foi superado e que, por isso, reaparece. Ao analisar a noção de “*transgenerational haunting*” proposta por Abraham e Torok, Christine Bertin (2010) explica que os segredos não revelados e os dramas não resolvidos têm o potencial de serem transmitidos de geração em geração. E muitas vezes esses segredos acabam por impregnar as ações da geração mais nova, a ponto de a afetarem negativamente. A reação de Ana ao sentir-se preterida por Justino mostra, na verdade, os resquícios da mundividência colonialista herdados por si, mesmo se inconscientemente. A desconstrução dessa visão do mundo é, portanto, condição necessária para que Ana sobreviva, deixando de “viver encarcerada no mito de um passado e de uma África que já não existe” (p.136).

## Referências

BERTHIN, Christine. **Gothic hauntings: melancholy crypts and textual ghosts**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010.

FALCONI, Jessica. O sal da terra. **Buala**. 2 ago. 2011. Disponível em < <http://www.buala.org> >. Acesso: 15 set. 2016.

KHAN, Sheila. Memória Colonial - *O Tibete de África* de Margarida Paredes. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**, Ano XXVII / n. 959, p. 23, 2007.

MARGARIDO, Alfredo. **Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa**. Lisboa: A regra do jogo, 1980.

PAREDES, Margarida. **O Tibete de África**. Vila do Conde, Verso da História: 2015.

\_\_\_\_\_. Folheando com... Margarida Paredes. **Portal da Literatura**, 22 jun 2016. Disponível em < <http://www.portaldaliteratura.com> >. Acesso: 15 set. 2016.

PETERS, Laura. **Orphan texts: victorian orphans, culture and empire**. Manchester: Manchester UP, 2000.

**ABSTRACT:**

*Working as a countercurrent to the imperial rhetoric around the patriarchal family and home, the literary trope of the orphan offers a critical view of the Portuguese colonial and postcolonial experience, emphasizing the anxieties and traumas that were felt in the context of the end of the Empire, the Decolonization process and the return of settlers and their descendants to Portugal. The experience between worlds (the Portuguese and the African), which characterizes the trajectory of the protagonist of *O Tibete de África* – a novel published by Margarida Paredes in 2006 – manifests itself in a state of double orphanhood stemming from her father's death and subsequent disintegration of the family, as well as from the loss of her place of origin - Angola. This essay delves into this orphan journey, which has obvious symbolic repercussions.*

**KEYWORDS:** orphan, decolonization, return, trauma, Margarida Paredes.

**RESUMEN:**

*Al funcionar como contracorriente de la retórica imperial en torno a la familia y la casa patriarcales, el tropo literario del huérfano ofrece una visión crítica de la experiencia colonial y postcolonial portuguesa, enfatizando las ansiedades y los traumas que se vivieron particularmente en el contexto del fin del Imperio, de la descolonización y del retorno a Portugal de los colonos y sus descendientes. La vivencia entre dos mundos (el portugués y el africano) caracterizadora de la trayectoria de la protagonista de *O Tibete de África* - novela publicada por Margarida Paredes en 2006 - se materializa en un estado de doble orfandad resultante, por un lado, de la muerte del padre y la consiguiente desagregación de la familia y, por otro, de la pérdida del lugar donde nació - Angola. Es sobre este recorrido de orfandad de repercusiones claramente simbólicas donde se centra este ensayo.*

**PALABRAS-CLAVE:** huérfano, descolonización, retorno, trauma, Margarida Paredes.

